

SOBRE DICIONÁRIOS, NARRATIVAS E DIFERENÇAS QUE GERAM DIFERENÇAS¹

Dictionaries, narratives and differences that create differences

Agnes Arruda²
Demétrio de Azeredo Soster³
Mara Ferreira Rovida⁴

Resumo: *O artigo analisa a experiência de produção do Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas (2025), tomando-o como objeto de reflexão sobre o campo do Jornalismo. A obra é examinada a partir da teoria dos sistemas (BERTALANFFY, 2013; LUHMANN, 2009), em diálogo com abordagem qualitativa (DEMO, 2000; MACHADO, 2021) e método indiciário (GINZBURG, 1989). Observa-se que, embora construída a partir de pluralidade epistêmica, teórica e metodológica, a publicação se organiza como unidade editorial coerente e pode ser compreendida como narrativa das experiências da Rede de Pesquisas em Narrativas Midiáticas (Renami). Ao superar propostas meramente lexicográficas, afirma-se como diferença capaz de gerar novas diferenças, fortalecendo a identidade e a circulação dos estudos narrativos no âmbito do Jornalismo brasileiro.*

Palavras-Chave: *Narrativas midiáticas. Jornalismo. Teorias do sistema.*

Abstract: *This article analyzes the production process of the Brazilian Dictionary of Media Narratives (2025), taking it as an object of reflection on the field of Journalism. The work is examined from the perspective of systems theory (BERTALANFFY, 2013; LUHMANN, 2009), in dialogue with a qualitative approach (DEMO, 2000; MACHADO, 2021) and the evidentiary method (GINZBURG, 1989). The analysis shows that, although constructed from epistemic, theoretical, and methodological plurality, the publication is organized as a coherent editorial unit and can be understood as a narrative account of the experiences of the Media Narrative Research Network (Renami). By surpassing merely lexicographical proposals, it asserts itself as a difference that generates further differences, strengthening the identity and circulation of narrative studies within Brazilian Journalism.*

Keywords: *Media narratives. Journalism. Systems theories.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Docente do PPG em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes, agness@umc.br

³ Docente do PPG em Comunicação da Universidade de Sergipe, deazedososter@academico.ufs.br

⁴ Docente do PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, mararovida@gmail.com

1. Introdução (o que nos move)

Este artigo descreve, analisa e reflete sobre o processo de concepção, desenvolvimento, publicação e circulação inicial do **Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas** (Clea Editorial, 2025), doravante identificado pela sigla DBNM. A obra foi lançada em novembro de 2025, durante o 23º Encontro Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (23º SBPJor), em Ponta Grossa, Paraná, Brasil, e se apresenta como uma compilação especializada do tipo técnico-científico (BIDERMAN, 1984) composta por 101 verbetes com caráter enciclopédico, mobilizando diretamente uma rede de 79 pesquisadores(as) em narrativas de todo o país. Com isso, o artigo constitui uma primeira tentativa de compreender, no âmbito dos estudos de narrativa no Brasil, os sentidos mobilizados pela obra, bem como sua função epistemológica como dispositivo de mapeamento, articulação e circulação do conhecimento produzido no e pelo campo.

A obra foi organizada por integrantes da Rede de Pesquisa em Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami), ligada à SBPJor, e se encontra disponível para *download* gratuito no repositório da Rede⁵. Uma tiragem impressa de 240 exemplares também foi viabilizada para a circulação física do conteúdo e, em novembro de 2025, passou a ser distribuída entre as autoras. Com 342 páginas, o DBNM foi idealizado, explicam os organizadores (ARRUDA; SOSTER; ROVIDA, 2025), relacionando uma dupla necessidade: de um lado, evidenciar o estado da arte das pesquisas em narrativas no país, de outro, marcar os dez anos de existência da Renami.

Ainda que originalmente, na perspectiva dos estudos lexicográficos, o caráter enciclopédico em dicionários objetive o “consumo do público em geral, e não de especialistas” (BIDERMAN, 1984, p. 16), este formato também se reconhece por permitir maior amplitude semântica dos verbetes junto a um público formado tanto por especialistas que pesquisam narrativas, quanto para o público geral que deseja ter um contato indiciário e orientativo sobre os temas abordados nos verbetes. Nas palavras de Cremilda Medina (2025, p. 10), pioneira nos estudos em narrativa no Brasil e autora do prefácio e do posfácio da obra:

É isso o que se revela no presente Dicionário: o esforço dos organizadores e redatores dos sintéticos ensaios e das respectivas referências sobre as *narrativas midiáticas* em concretizar um mapa plural da convivência, sem fronteiras de valor, entre os autores do Norte e os do Sul. Haverá ausências? Certamente. Faz parte do jogo na epistemologia da complexidade e na superação da gramática das certezas.

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3Mpg13T>. Acesso em 17/11/2025.

Sob esse olhar, pensar o DBNM apenas como um instrumento de consulta seria reduzir a potência do gesto que o originou. Antes de ser um repositório conceitual, a obra se constitui como uma narrativa em si: sobre um campo, sobre uma rede de pesquisadores(as), a Renami, e, sobretudo, sobre um modo de produzir conhecimento ancorado na escuta, na participação e na pluralidade. Seu processo de construção, sistematizado e marcado por convites, diálogos, negociações editoriais e articulações diversas, revela uma epistemologia que se faz tanto pela fixação de sentidos, quanto pela criação de zonas de encontro entre vozes, experiências e tradições teóricas diversas. Isso permite olhar para o livro tanto como produto editorial, quanto como um processo cultural, comunicacional e epistemológico situado no campo do Jornalismo.

Ao analisar o percurso de articulação, desenvolvimento e organização do Dicionário, o presente texto propõe uma reflexão sobre o Jornalismo enquanto objeto científico em permanente construção, tensionado por disputas conceituais, ético-políticas e estético-expressivas. De modo que a experiência do DBNM permite problematizar a historicidade dos conceitos, os valores que orientam a produção de conhecimento no campo, os modelos colaborativos de autoria e as metodologias de pesquisa e ensino mobilizadas, reafirmando o Jornalismo como prática sócio-cultural que se reinventa a partir de suas próprias narrativas.

Para dar conta dos propósitos, metodologicamente, iniciaremos por uma costura epistêmica embasada na leitura da produção analisada, seguida de uma contextualização descritiva do processo de articulação, organização e consolidação da obra. Na sequência, explicitamos o percurso metodológico adotado, de natureza qualitativa, nos moldes de Machado (2021) e Demo (2000), articulado a uma perspectiva indiciária, em diálogo com Ginzburg (1989), e ancorado, sobretudo, nas escolhas teóricas, epistemológicas, empíricas, metodológicas e produtivas tomadas por quem escreve este trabalho, assumindo que nenhuma obra é neutra e que os saberes acadêmicos se cruzam com as práticas de vida.

Para a geração de dispositivos auxiliares de organização, visualização e exploração relacional dos dados editoriais do Dicionário, utilizamos de forma situada e crítica recursos de inteligência artificial de base generativa e analítica, identificados e explanados ao longo do trabalho, conforme aparecem no texto. Desse modo, os *outputs* resultantes funcionam como instrumentos heurísticos destinados a apoiar a observação reflexiva e a interpretação crítica propostas. As considerações interpretativas que se seguem sistematizam os achados decorrentes do esforço editorial coletivo que deu origem à obra e permitem projetar desdobramentos analíticos e epistemológicos futuros.

Com isso, compreender o DBNM implica reconhecer que sua arquitetura conceitual e editorial é indissociável tanto das trajetórias de quem o organizou, quanto das matrizes teóricas, temáticas e dos modos de pesquisa mobilizados pelas próprias autorias dos verbetes. Isso porque, ao longo do processo, confluem perspectivas oriundas dos estudos das narrativas jornalísticas e midiáticas, da teoria dos sistemas e da midiatização, da análise crítica da narrativa, da semiótica da cultura e da circulação dos sentidos, bem como de abordagens ecológicas, decoloniais e críticas da mídia, articuladas a práticas de ensino, pesquisa e formação em Jornalismo e em Comunicação que se ancoram em diversas metodologias.

A essas camadas somam-se as escolhas dos(as) verbetistas, marcadas por filiações diversas ao campo do Jornalismo, da Comunicação, da Linguística, das Ciências Sociais e das Humanidades, que se expressam tanto na seleção dos conceitos quanto nas referências mobilizadas e nas formas de definição dos termos. Essas contribuições configuram um mosaico de aproximações, tensões, convergências e lacunas que constituem um dos traços mais significativos da obra. É a partir desse horizonte que, na seção seguinte, delineamos a costura epistêmica que embasa nossa leitura. Sustentamos que o DBNM atua como dispositivo narrativo e sistêmico de consolidação identitária do campo, revelando tanto sua densidade relacional quanto suas lacunas epistemológicas. Ao reduzir a complexidade e horizontalizar vozes, a obra produz diferenças que geram novas diferenças, reafirmando o Jornalismo como núcleo estruturante dos estudos de narrativas midiáticas no Brasil.

2. Uma leitura (epistêmica) possível

Podemos nos perguntar, do ponto de vista epistemológico, como interpretar um projeto como o do Dicionário para além de sua forma e objeto. Uma estratégia possível é considerá-lo, como propõe Medina (2025), como expressão narrativa, interrogando o lugar que ocupa na discursividade midiática, da narrativa e do Jornalismo e, a partir daí, buscar uma compreensão conceitual que ultrapasse a função lexicográfica. Por discursividade midiática, com base em Verón (2013), compreendemos os sentidos que emergem de complexas construções simbólicas decorrentes da relação entre dispositivos, agentes e contexto cultural. Sob essa perspectiva, o Dicionário passa a ser entendido como dispositivo de produção de sentidos sobre o próprio campo que discorre.

As perguntas que atravessam sua existência – por que um dicionário? por que agora? – podem ser respondidas quando situamos a obra no histórico de publicações da Renami, iniciado

em 2017, com coletâneas que já evidenciavam a diversidade teórica, metodológica e temática dos estudos de narrativas no Brasil. A série **Narrativas Midiáticas Contemporâneas**: perspectivas epistemológicas (SOSTER; PICCININ, 2017), perspectivas metodológicas (MAIA; MARTINEZ, 2018), sujeitos, corpos e lugares (SOSTER; PICCININ, 2019), epistemologias dissidentes (MAIA; PASSOS, 2020), perspectivas protagonistas (SOSTER; ROVIDA, 2021) e inquietações diante do caos (SOSTER; BARBOSA; PASSOS, 2023), revela um campo em consolidação, marcado menos pela busca de fechamento conceitual do que pela aposta na pluralidade e na problematização contínua de seus próprios fundamentos.

Ao longo dos anos de pesquisa articulada e também a partir desse percurso editorial, foi possível registrar o próprio amadurecimento do campo. A passagem de reflexões fundacionais para investigações centradas em sujeitos, corpos, deslocamentos, protagonismos e dissensos indica que a narrativa jornalística deixa de ser tratada como forma estabilizada de relato para ser compreendida como processo cultural, prática situada e dispositivo de produção de sentido social, atravessado por relações de poder, historicidade e experiência. Nesse movimento, conceitos como verdade e objetividade, inerentes aos saberes canônicos do Jornalismo, são tensionados, não para serem descartados, mas para serem reinscritos em contextos plurais, marcados por disputas simbólicas e políticas.

Do ponto de vista metodológico, esse conjunto de publicações consolida uma aposta recorrente em abordagens qualitativas, interpretativas e participativas, nas quais o processo de pesquisa, escrita e organização editorial é constitutivo do conhecimento produzido. A valorização da experiência, da escuta e da autoria em rede, bem como a abertura ao ensaio e à negociação conceitual entre pares, delineia uma ética de pesquisa que recusa centralizações e hierarquias rígidas. É nesse horizonte que o Dicionário se inscreve: como desdobramento lógico de uma trajetória coletiva, em que a pluralidade é o princípio organizador do próprio campo. Nesse sentido, o DBNM pode ser compreendido como documento de demarcação sem pretensão de totalidade: uma enciclopédia que não busca esgotar o campo, mas que proclama sua existência e a torna visível em sua complexidade, reconhecendo lacunas, tensões e zonas de indeterminação como parte constitutiva do processo científico.

Optamos, assim, por uma abordagem da espacialidade (BERGSON, 2022), como chave para pensar o lugar do Dicionário na discursividade midiática. O espaço nos permite “ver” o objeto em sua quase totalidade, “exceto o [...] movimento” (BERGSON, 2022, p. 22); nesse sentido, ainda que fixe momentaneamente um movimento que é, por natureza, processual, o

conceito opera como instrumento de inteligibilidade provisória, capaz de dar forma ao fluxo sem pretender encerrá-lo. Sob esse enquadramento, entendemos, que o DBNM pode ser entendido como expressão narrativa instauradora de inteligibilidade (MOTTA, 2013), inserida em um sistema midiático-comunicacional. Se o tomarmos como dispositivo, nos termos de Ferreira (2013), isto é, como lugar de transformação, reconhecemos sua natureza comunicacional e sua inserção nesse sistema mais amplo, formado por dispositivos de natureza comunicacional.

Outra estratégia aplicada para reconhecermos um sistema é pelo viés do alinhamento temático (LUHMANN, 2009). Nesse caso, há alinhamento temático, portanto formação de sistemas, quando dois ou mais dispositivos, apesar de suas diferenças, geram sentidos semelhantes a partir de suas processualidades internas, reconhecíveis como semanticamente próximas. Chamamos de processualidade interna dos dispositivos, neste caso, os sentidos que são gerados pelo trabalho feito pelas redações, ou seja, a apuração das informações, sua redação, edição e posterior veiculação, de modo que uma série de pistas discursivas deixadas na superfície dos relatos nos permite identificá-los como jornalísticos. Isso de tal forma que, ao lermos, assistirmos ou escutarmos essas notícias, mesmo que não sejamos especialistas em Jornalismo, conseguiremos inferir que são de natureza jornalística. Em outros termos, são relatos que integram, um sistema (jornalístico), o que conseguimos concluir a partir de seu conteúdo, forma de tratamento, apresentação da informação, marcas de identidade organizacional ou institucional, entre outras características.

Este sistema, que chamaremos aqui de jornalístico, não é formado somente por organizações voltadas à produção de notícias, como jornais, emissoras de rádio e de televisão, sites noticiosos, entre outros. Ele também compreende escolas de jornalismo, publicações especializadas, produções audiovisuais, instituições representativas, ou seja, é complexo, de muitas faces, portanto polifônico e polissêmico. Por isso, divide-se em subsistemas interligados entre si, nos moldes de Bertalanffy (2013), o que requer, de quem analisa, recortes - que implicam em risco de dispersão, portanto é um movimento que demanda atenção. Nesta reflexão, o recorte se dá pelos subsistemas de formação que compreendem escolas de jornalismo, associações, sindicatos, empresas, entre outras instituições. Dentre essa gama, selecionamos de forma mais recortada aquele formado por livros de natureza jornalística, voltados para o entretenimento ou para a formação, dentro ou fora das salas de aula.

Esse subsistema, que nomearemos de jornalístico didático-pedagógico, é composto por dispositivos que se destinam a ensinar, esclarecer, orientar quem pesquisa, jornalistas ou quem se interessa por Jornalismo, em seus processos de produção e de aprendizado. É importante lembrar que narrativas jornalísticas diversionais como uma biografia, ou um relato de viagem escrito por um jornalista, possuem, mesmo voltadas ao entretenimento, caráter pedagógico, pois se prestam à formação de jornalistas. O fluxo de equação a seguir, com todas as suas limitações, nos permite vislumbrar melhor o que estamos tentando afirmar:

**Sistema midiático comunicacional > Sistema jornalístico > Subsistema jornalístico
didático-pedagógico**

O subsistema jornalístico didático-pedagógico se insere, assim, no sistema jornalístico e este, por sua vez, no sistema midiático comunicacional. Luhmann (2009) nos ensina que a forma de operação dos sistemas é autorreferencial. Ou seja, suas operações visam a redução da complexidade interna como forma de viabilização de suas próprias operações e o reforço identitário. Tomando o DBNM como objeto empírico, pode-se subsumir que ele se estabelece como uma narrativa a partir do momento em que pesquisadores(as) de todo o país, e adeptos(as) dos mais diferentes matizes teórico-conceituais, elaboram verbetes e resumem, dessa forma, seus pontos de vista em uma única publicação. Tem-se, dessa forma, uma redução de complexidade interna, afinal múltiplas vozes adquirem certa horizontalidade conceitual. No entanto, emerge, desse movimento, uma identidade que provoca diferenças na relação com as demais identidades do subsistema jornalístico didático-pedagógico.

Ainda com base na perspectiva sistêmica de Luhmann (2009), é possível inferir que, para além de um compilado de verbetes dispostos na forma de um livro, ainda que também o seja, estamos diante de um dispositivo semelhante aos demais livros de natureza jornalística (romances, relatos de viagem, livros pedagógicos, dicionários etc.). Além de ser claramente identificado por sua condição lexicográfica, típica dos dicionários, nota-se uma característica dissonante dos demais dispositivos desse sistema, o que nos permite entendê-lo também de uma outra maneira.

2.1 Narrativa dissonante e produção de identidade

Sabemos, desde Soster (2024), que narrativas dissonantes são expressões narrativas – ou sentidos, se preferimos – que se distinguem das demais pela angulação e tonalidade, mas que são alinhadas a elas pelo viés da tematização. Dizendo de outra forma, elas integram um determinado sistema (ou subsistema), mas se distinguem dos demais dispositivos tanto pelo conteúdo que expressam quanto pela forma com que o fazem, ainda que sua função seja a mesma. Nessa premissa seria possível testar a hipótese de que o DBNM emerge como narrativa dissonante.

Para ser qualificado como tal, há a necessidade de ser distinto dos demais dispositivos – o Dicionário de Jornalismo (BAHIA, 2010), por exemplo – pelo viés da tonalidade e da angulação (SOSTER, 2024). Além disso, com Villas Boas (1996) aprendemos, desde há muito, que nenhum texto é neutro; neste sentido, um projeto de dicionário que se propunha a servir como referencial aos estudos de narrativa traz, consigo, individualmente e em seu conjunto, características que extrapolam a aparente frieza vocabular dos verbetes. De modo que chegaremos ao tom se observarmos a angulação, ou seja, a linha imaginária que liga o primeiro ao último verbete, tornando o conjunto uma expressão narrativa sem, com isso, desconsiderar as peculiaridades de cada um dos verbetes.

Assim, podemos dizer que o DBNM é uma narrativa dissonante no subsistema em que se insere à medida que, mesmo sendo um dicionário, coloca-se neste cenário como uma narrativa de caráter político-pedagógico. Serve, portanto, como marco conceitual e dispositivo de construção de conhecimento. Além disso, podemos pensá-lo como uma tentativa de reforço identitário do próprio subsistema.

De acordo com Bateson (2000), a produção de identidade implica na geração de diferenças; afinal, não se pode pensar os (sub)sistemas sem os demais (sub)sistemas e o meio, provocando fortalecimento identitário, ao invés de entropia, pela geração de diferenças que geram diferenças. Isso se dá dessa forma porque a estrutura do ambiente é em rede e sua forma de operação é marcada pelo que Braga (2012) chamou, em outro contexto, de circuitos informacionais múltiplos; ou seja, um ambiente propenso a transformações, portanto à dispersão. A produção de diferenças que geram diferenças serve, neste sentido, a uma tentativa de consolidação dos estudos em narrativa que apareciam como dispersos, mas em conjunto. Essa conjunção, promovida pelo dispositivo Dicionário, torna identificável sua unidade sistêmica, dentro do fluxo de equação apresentado anteriormente.

Diferente de dicionários tradicionais, focados na neutralidade aparente, na autoridade centralizada, na estabilidade conceitual e na sua função instrumental, o DBNM parte de sua angulação explícita e dialogada desde a apresentação ao posfácio, passando pela autoria em rede, assumindo sua provisoriedade e indicando a possível função político-pedagógica a que se destina, em um esforço de pesquisa articulado na prática, cuja ampla circulação e divulgação de seus conteúdos é de interesse para todas as pessoas e agentes articuladas(os). Nessa chave, em termos sistêmicos, reduz complexidade, estabiliza sentidos provisórios, abre zonas de encontro entre matrizes teóricas e pragmáticas da área, trajetórias institucionais e regiões e suas diversas relações tensionadas no campo do jornalismo.

Ao compreender o Dicionário como operador de redução provisória de complexidade e como gesto de consolidação do campo, torna-se necessário observar as condições de sua emergência, as escolhas metodológicas que o sustentam e os indícios que revelam sua configuração em rede. É nesse deslocamento, do enquadramento teórico para o percurso empírico, que avançamos na seção seguinte, examinando o processo de construção do DBNM como parte constitutiva de sua própria materialidade narrativa.

3. Percurso metodológico

Compreender metodologicamente a realização de uma obra como o DBNM implica assumir que seu processo editorial integra o próprio objeto de análise. A opção por uma abordagem qualitativa, nos termos de Demo (2000) e Machado (2021), articulada a uma perspectiva indiciária em diálogo com Ginzburg (1989), decorre do entendimento de que o Dicionário não é apenas um produto finalizado, mas um processo coletivo de produção de sentidos. Observamos as subjetividades inerentes ao processo e as questões de natureza organizacional de forma qualitativa. O caráter indiciário manifesta-se na leitura desse processo como conjunto de pistas e marcas que apontam para camadas mais profundas de significação. O Dicionário é tratado, assim, como indexador dessas camadas, permitindo inferências sobre a configuração epistemológica do campo.

Especificamente sobre os aspectos subjetivos do projeto, a ideia foi lançada e discutida, em novembro de 2023, um ano antes de sua efetivação, quando do encontro anual da SBPJor, realizado na Universidade de Brasília (UnB), no Distrito Federal. À época foi desenvolvido um

questionário digital online dirigido aos(as) pesquisadores(as) de narrativas de todo o país⁶. O objetivo era tanto compreender a viabilidade do projeto quanto sua aceitação junto aos pesquisadores da área.

Esse movimento operou como princípio organizador do projeto, confirmando empiricamente a hipótese de que o campo se estrutura por reconhecimento mútuo entre pares. Foram recebidas 18 respostas neste primeiro levantamento, com mais de 70 sugestões de verbetes que poderiam ser redigidos pelos(as) próprios(as) respondentes. 100% das pessoas desse primeiro levantamento se apresentaram como pesquisadores(as) que dialogam com o campo dos estudos em narrativa. A partir desse panorama, o projeto foi levado adiante, se confirmando em novembro de 2024, durante a reunião anual da Renami⁷ na SBPJor, realizada na Universidade Federal do Pará, em Belém.

Após a adesão coletiva e a confirmação da viabilidade do projeto, foi constituída uma comissão organizadora responsável por propor um cronograma de trabalho e estabelecer os parâmetros para as submissões. Definiu-se que cada verbete poderia ser assinado por até três pessoas, conter entre duas e cinco referências e ter extensão entre 300 e 500 palavras. Além disso, cada participante poderia assinar individualmente até dois verbetes e participar de mais dois em coautoria, ou, alternativamente, assinar até quatro textos exclusivamente como coautor(a), limitando-se, assim, a participação máxima a quatro propostas por pessoa. Essa padronização básica foi fundamental para garantir relativa unidade editorial à obra, assinada coletivamente por 79 autorias únicas. Apesar dessas diretrizes, não houve qualquer orientação quanto ao estilo, à abordagem ou à estrutura lexical dos textos. O equilíbrio entre restrição formal e liberdade narrativa resultou tanto em uma coesão bibliográfica, quanto na construção de um mapa narrativo de leitura singular, no qual a diversidade de vozes e abordagens se articula em torno de um projeto comum.

Ainda que algumas das limitações e estratégias tenham gerado desconforto, o processo revelou alto grau de adesão do campo: a maioria das propostas foi acolhida e praticamente todos(as) os(as) participantes(as) conseguiram concluir suas contribuições dentro do

⁶ O questionário circulou nos bancos de contato da Renami, listas de transmissão e grupos e conversa em redes sociais digitais, contando com a circulação em rede para o alcance da mensagem.

⁷ Durante o Encontro Anual de Pesquisadores em Jornalismo, organizado pela SBPJor, são realizadas as reuniões das redes de pesquisa ligadas à associação. Um horário no cronograma de atividades é separado para que cada rede possa reunir seus membros, fazer um balanço das atividades do ano, bem como projetar o que será realizado no próximo período.

cronograma estabelecido. Inicialmente, o Dicionário recebeu 109 propostas de contribuição. Dessas, três foram rejeitadas pela inadequação ao escopo do projeto, duas foram retiradas a pedido dos próprios proponentes e duas foram excluídas porque, na fase de revisão da obra, as autorias não apresentaram as correções obrigatórias no prazo estipulado. Esse dado indica que, mesmo sob restrições formais, foi possível preservar a diversidade teórica e metodológica, ao mesmo tempo em que se produziu uma relativa unidade editorial.

Os parâmetros de submissão levaram as autorias a fazer escolhas narrativas mais conscientes: condensar conceitos, selecionar apenas referências realmente estruturantes, ajustar o foco do problema e, sobretudo, nos casos de coautoria, decidir conjuntamente qual voz, qual estilo e qual linha de argumentação representariam melhor um campo plural. A consequência direta disso é que muitos verbetes exibem microestruturas híbridas, combinando precisão conceitual com marcas de trajetória, de modo que essa heterogeneidade estilística inscreve, nos próprios verbetes, marcas de quem escreve o dicionário e de como cada autor(a) se relaciona com o campo.

3.1 Pistas, evidências e materialidade empírica

Foi a leitura conjunta da obra, realizada pelas autorias na fase final de revisão e antes de sua publicação, que evidenciou que o Dicionário poderia ultrapassar a função inicial de repositório conceitual. O processo, distribuído entre comentários no sistema editorial, retornos por e-mail, comunicados formais e, sobretudo, intervenções diretas no arquivo coletivo, aberto a todos(as) os(as) participantes, expôs um movimento orgânico de cruzamento de dados, fontes, estruturas e métodos que até estavam previstos no projeto original, mas cuja prática revelou os elementos presentes na estrutura desse sistema.

À medida que as contribuições circulavam entre múltiplos pares, foram-se tornando visíveis afinidades temáticas, coerências metodológicas, tensões conceituais e zonas de convergência que configuraram, juntas, um panorama relacional do campo dos estudos de narrativas no Brasil, cuja utilização defendida neste artigo prevê um processo em que a horizontalização conceitual, a autoria compartilhada e a circulação dos sentidos emergem como propriedades estruturais do gesto editorial. Foi nesse contexto que o Dicionário passou a ser visto como uma espécie de ecologia colaborativa, na qual cada verbete não apenas responde aos critérios formais do projeto, mas se ajusta às outras entradas, modulando linguagens, densidades, escolhas narrativas, recursos estilísticos e arranjos argumentativos.

Ainda nesse aspecto, outro ponto que se mostra relevante para o registro aqui pretendido diz respeito à ausência do verbete narrativa, sem adjetivação, que não foi proposto espontaneamente em nenhuma das chamadas para colaboração. Tal termo, que poderia então balizar todo o entendimento que se tem por narrativa no Dicionário, parecia indispensável à obra no princípio de sua concepção e, por isso, decidiu-se encomendar sua produção. Por diferentes razões ela não foi efetivada e, por isso, o Dicionário foi finalizado sem ele; de modo que se encontram várias noções e definições de narrativa ao longo das páginas da obra.

Isso acontece, por exemplo, logo nas primeiras linhas do verbete Narrativas Mediáticas, assinado por Tarcyanie Cajueiro Santos e Míriam Cristina Carlos Silva (2025, p. 241), quando as autoras indicam que “Narrativa é uma realização mediata da linguagem que propõe comunicação a uma série de acontecimentos a um ou mais interlocutores, de modo a compartilhar experiências e conhecimentos”. Esse mesmo cuidado em iniciar a discussão com um conceito de narrativa vai aparecer em outros verbetes, e a partir de referências diversas, o que reforça ser essa uma conceituação basilar para os estudos reconhecida pelo campo (BOURDIEU, 1983), embora ausente do sumário do Dicionário.

Destaca-se ainda, do processo de produção, o fato de que dois autores propuseram um mesmo verbete – narratologia – sendo mantidas ambas produções tanto por sua qualidade conceitual, quanto por suas diferenças. Somadas, elas apresentam perspectivas possíveis e complementares sobre o mesmo termo: Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira (2025, p. 259) parte da definição latina e grega da palavra narratologia, e desenvolve uma perspectiva sobre “essa área [que] oferece um arcabouço analítico para compreender a estrutura do texto”. O principal referencial teórico mencionado pelo autor é o linguista e filósofo búlgaro Tzvetan Todorov. Por sua vez, Mateus Yuri Passos (2025, p. 261) propõe um pequeno histórico da narratologia “como um campo voltado ao estudo do funcionamento das narrativas” que surge na segunda metade do século XX. Para isso, ele menciona alguns nomes expoentes desse campo e apresenta suas contribuições para esses estudos.

À luz desse percurso, o DBNM pode ser compreendido tanto como um “mapa plural da convivência” (MEDINA, 2025, p. 10), quanto como uma operação concreta de organização do campo em rede. O que o processo editorial revelou não foi um padrão de acoplamentos, tensões e recorrências que tornam visível a arquitetura relacional dos estudos de narrativas midiáticas no Brasil. A ausência do verbete narrativa, a manutenção da duplicidade conceitual de

narratologia e a intensa circulação entre pares indicam que a identidade do campo não se dá por consenso estabilizado, mas por negociações contínuas entre diferenças.

O método, nesse contexto, não é exterior ao objeto: ele participa da própria configuração sistêmica que analisa. Ao transformar restrições editoriais em contrações produtivas, o processo fez emergir uma constelação conceitual cuja coerência não deriva da homogeneidade, mas da capacidade de sustentar dissonâncias em convivência. É nesse ponto que o Dicionário deixa de ser apenas obra e se torna evidência empírica de um subsistema jornalístico didático-pedagógico em operação.

O fluxo a seguir sistematiza o DBNM como um processo epistemológico, metodológico e comunicacional articulado em rede, explicitando a lógica que conecta campo, rede de pesquisa, escolhas metodológicas, práticas editoriais e materialidade narrativa. Trata-se, portanto, de um modelo interpretativo que torna visível a compreensão do Dicionário como evento sistêmico, no qual o método é constitutivo do objeto e a circulação em rede integra a própria obra. É esse modelo que será aplicado no tópico a seguir, com a análise e à visualização dos dados editoriais do Dicionário:

CAMPO DOS ESTUDOS DE NARRATIVAS MIDIÁTICAS

| (histórico de debates e pluralidade)



REDE DE PESQUISA (RENAMI)

| (ética da escuta / ciência em rede)



PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO DICIONÁRIO

| (método como construção e prática epistemológica aplicada)



METODOLOGIA QUALITATIVA

- não apenas medir, sobretudo compreender
- indícios, não totalidade
- relações, não hierarquias ideológicas

| (o método produz sentido)



DICIONÁRIO COMO DISPOSITIVO

- materialidade narrativa
- redução de complexidade (para viabilizar operações)
- identidade por meio à produção de diferenças que geram diferenças
- narrativa dissonante

| (circulação como lugar onde a obra se realiza)



EVENTO SISTÊMICO EM REDE

- formação
- debate público
- ativação do campo

A etapa seguinte desloca o olhar do processo para sua cartografia: observaremos como as relações entre verbetes, autorias, instituições e eixos temáticos tornam visível a estrutura interna desse evento sistêmico.

4 Da rede ao dispositivo: modelo visual interpretativo do DBNM

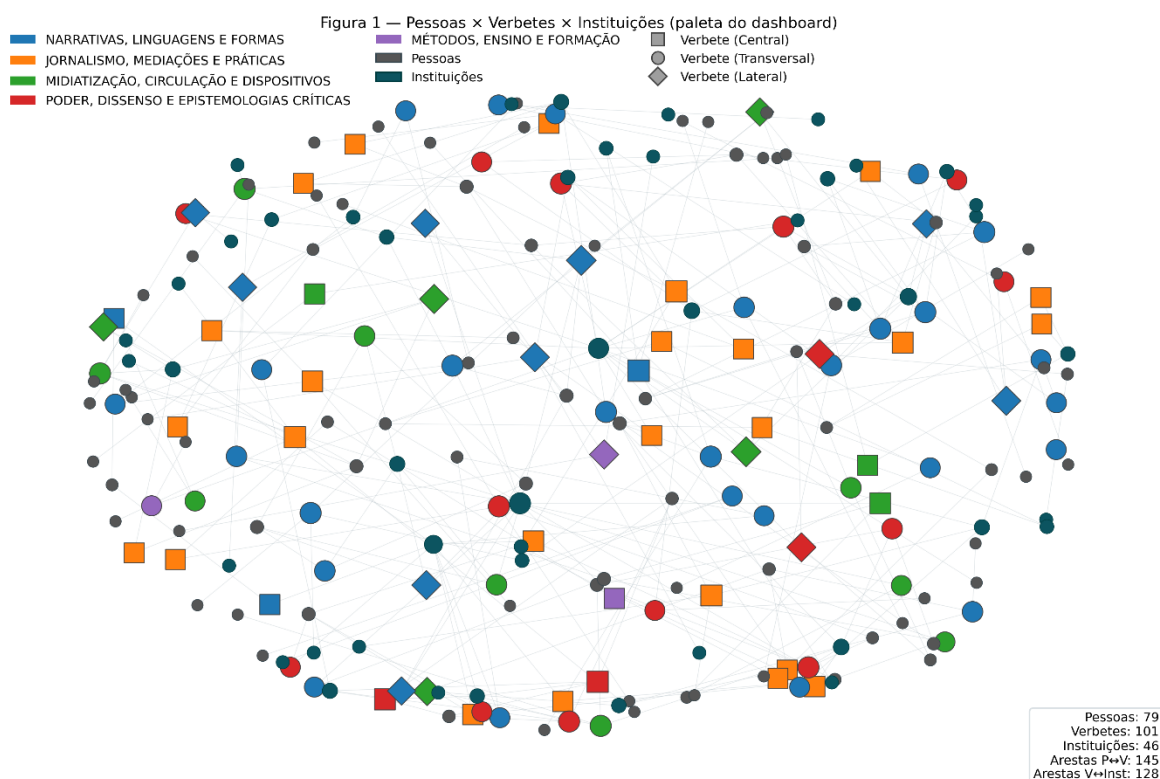
Esta seção desloca o foco para a materialidade relacional do Dicionário, apresentando e discutindo os dispositivos de visualização analítica utilizados na leitura dos dados editoriais da obra (ARRUDA; SOSTER; ROVIDA, 2025). Assumimos que observar o Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas implica também rastrear aproximações, lacunas e tensões que emergem do próprio processo editorial. Partimos da imagem inaugural proposta por Cremilda Medina (2025, p. 10), de um “mapa plural da convivência, sem fronteiras de valor”, em que mapa não é metáfora ornamental, mas modo de ver e de dar a ver aquilo que o trabalho cotidiano da Rede (Renami) teceu e continua tecendo em suas práticas e produções.

Para tornar perceptíveis padrões que não se evidenciam na leitura linear, ferramentas de inteligência artificial generativa (OpenAI GPT-5.2 e M365 Copilot GPT-5) foram aplicadas na organização e visualização dos dados, ampliando a capacidade de demonstrar acoplamentos, recorrências e zonas de rarefação no sistema desenhado na seção anterior. Desse modo, foi desenvolvido um painel interativo⁸, que chamaremos de Mapa, que funciona como entrada dinâmica para essa arquitetura relacional, permitindo transitar entre diferentes camadas.

A primeira delas se manifesta no regime de autoria. Dos 101 verbetes do Dicionário, 42 são escritos em coautoria (41,6% do total). Entre esses, 24 conectam pesquisadores(as) de diferentes universidades e regiões geopolíticas. A Imagem 1 apresenta uma visualização estática dessa arquitetura em sua totalidade.

⁸ Com a contribuição de Vinícius Pimenta, pesquisador (mestrado) do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Disponível em <https://drive.google.com/uc?export=download&id=1JLsgA5GGpQ9rcdojmmsTbg9LnQsOw4cM>

Imagem 1: Pessoas x Verbetes x Instituições no Mapa do Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas



Fonte: autoria própria; elaborado com GPT 5 – Copilot M365.

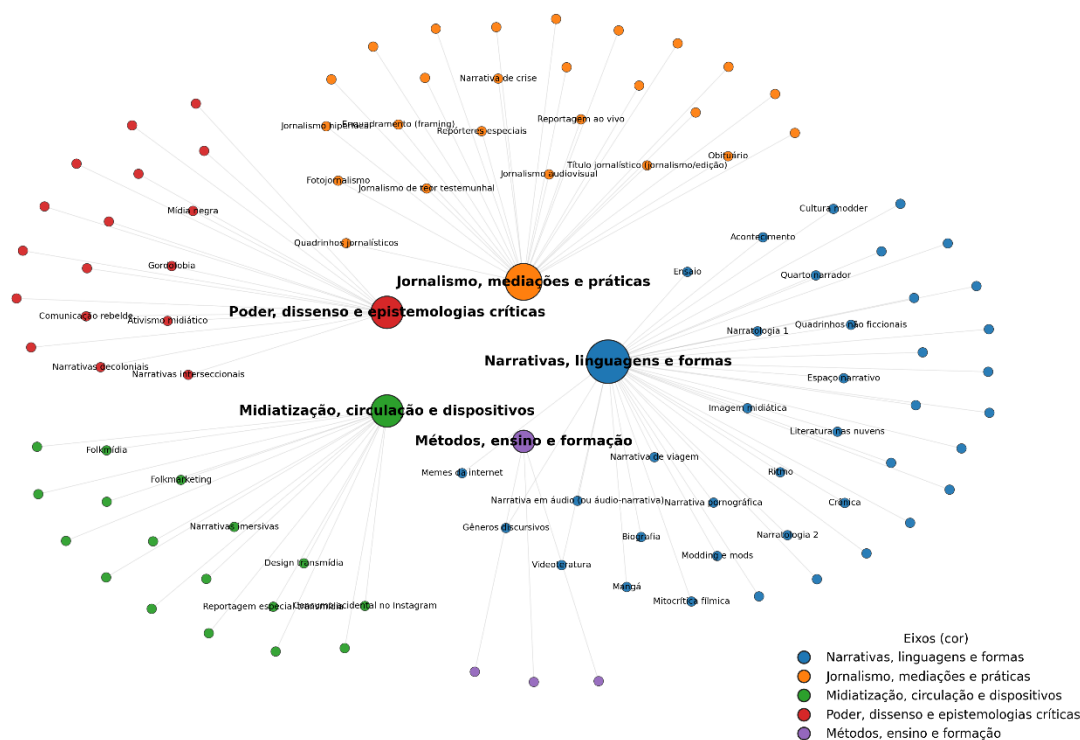
Cada verbete foi codificado como unidade básica de observação, considerando atributos como eixo temático principal, tipo de autoria, afiliação institucional, região geopolítica, referências predominantes e relação explícita com o jornalismo. Foram exploradas métricas como grau, centralidade de intermediação, densidade e modularidade, com o objetivo de identificar padrões estruturais do sistema. O *corpus* corresponde aos 101 verbetes da obra. A codificação resultou de leitura sistematizada orientada pela questão: “Qual é o problema central que este verbete busca tornar inteligível?”, observando-se especialmente o título, a formulação inicial do problema e o parágrafo conclusivo.

Foram localizados 39 verbetes no eixo “Narrativas, linguagens e formas”, centrados em modos de narrar, estruturas discursivas, regimes estéticos e formas expressivas das narrativas midiáticas; 25 no eixo “Jornalismo, mediações e práticas”, tratando diretamente do fazer jornalístico, suas práticas profissionais, rotinas produtivas, mediações sociais e culturais, bem como das transformações contemporâneas da área; 17 em “Midiatização, circulação e

dispositivos”, com análises sobre processos de circulação, plataformas, tecnologias, dispositivos midiáticos e dinâmicas de midiaticização; 17 verbetes no eixo “Poder, dissenso e epistemologias críticas”, tensionando relações de poder, desigualdades, disputas simbólicas e políticas, incorporando perspectivas críticas, decoloniais, interseccionais e dissidentes; e 3 verbetes no eixo “Métodos, ensino e formação”, voltados aos modos de pesquisa, metodologias, processos formativos, ensino do Jornalismo e da Comunicação, bem como reflexões sobre aprendizagem e produção de conhecimento. A Imagem 2 apresenta a representação gráfica da rede formada pelos eixos e seus respectivos verbetes.

Imagem 2: Rede Eixos × Verbetes

Rede Eixos × Verbetes — DBNM (cores por eixo; tamanho dos eixos ∝ nº de verbetes)



Fonte: autoria própria; elaborado com GPT 5 - Copilot M365.

Observa-se um núcleo narrativo-midiático de alta densidade relacional. Esse núcleo concentra os verbetes mais conectados e opera como zona de estabilização conceitual. O eixo “Poder, dissenso e epistemologias críticas” emerge como operador transversal, configurando um regime de crítica imanente que intervém nas próprias arquiteturas conceituais do campo. Já

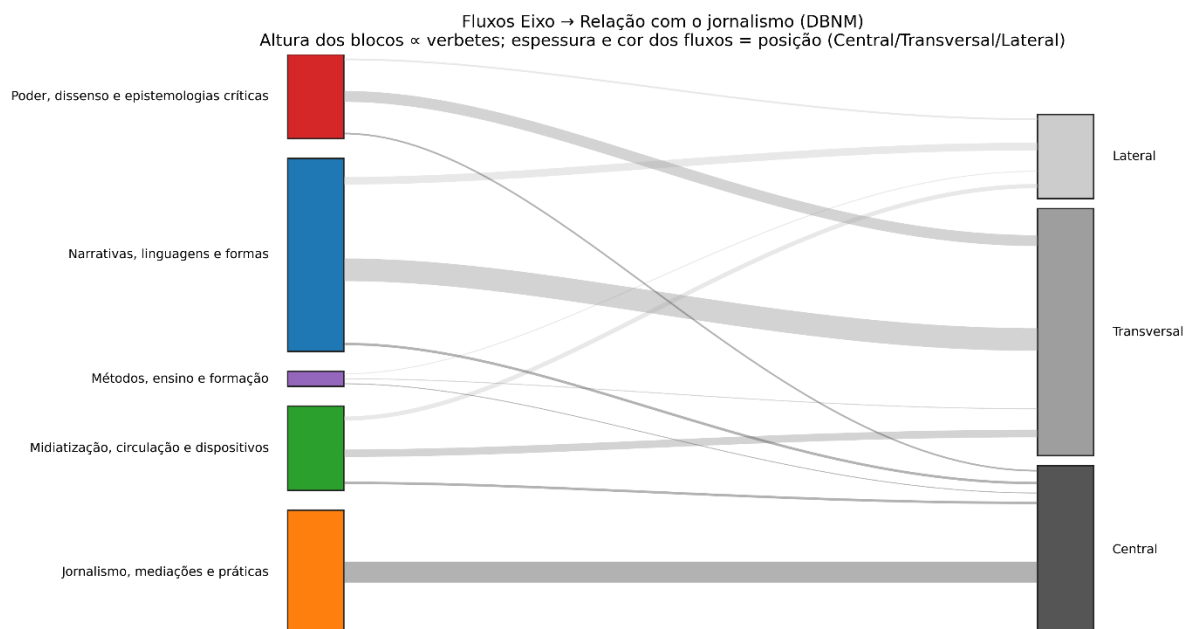
“Métodos, ensino e formação” ocupa posição periférico-reflexiva, indicando uma camada metaepistemológica ainda dependente do núcleo empírico-conceitual para sua consolidação.

Nas bordas da rede, verbetes de menor conectividade delineiam zonas de porosidade, que podem ser interpretadas como territórios de inovação epistemológica em processo.

4.1 A posição perante o eixo de relação com o jornalismo

Para além da organização temática em eixos, os verbetes foram classificados segundo a posição em relação ao Jornalismo (central, transversal e lateral). 50 verbetes ocupam posição central, tratando diretamente do fazer jornalístico, seus formatos, rotinas produtivas, métodos e modalidades. 34 quatro assumem posição transversal, articulando narratologia, visualidade, circulação, plataformas e interseccionalidades aplicadas às mídias. 17 aparecem como laterais, formulando problemas conceituais ou teóricos cuja relação com o jornalismo se dá de modo indireto, mas não exterior. A Imagem 3 explicita esse fluxo entre eixo temático e posição relacional.

Imagem 3: Fluxos Eixo → Relação com Jornalismo



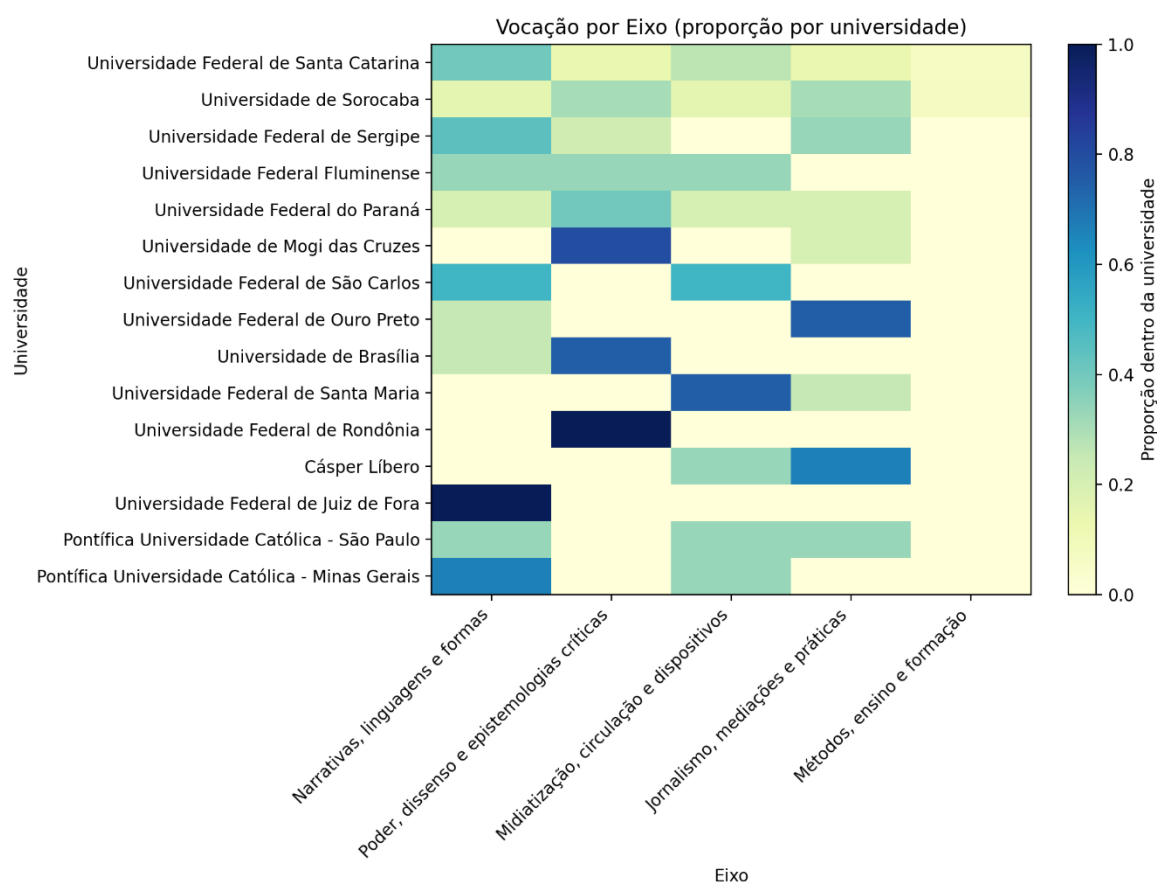
Fonte: autoria própria; elaborado com GPT 5 - Copilot M365.

O diagrama de fluxos permite observar que o jornalismo é simultaneamente prática profissional, matriz organizadora de conceitos e zona de atravessamento epistemológico dentro do Dicionário. “Jornalismo, mediações e práticas” concentra o fluxo mais robusto em direção à posição Central, reafirmando seu papel estruturante na definição identitária do sistema. Em contraste, “Narrativas, linguagens e formas” e “Midiatização, circulação e dispositivos” apresentam predominância transversal, indicando que funcionam como zonas de articulação conceitual e metodológica que atravessam o núcleo duro do campo sem necessariamente reivindicá-lo. Já “Poder, dissenso e epistemologias críticas” distribui-se entre transversalidade e lateralidade, ocupando uma posição estratégica de tensionamento. “Métodos, ensino e formação”, por sua vez, aparece com menor densidade e baixa centralidade, sugerindo que a dimensão pedagógica permanece estruturalmente menos valorizada na hierarquia simbólica do conjunto analisado.

4.2 A posição institucional

A incorporação das filiações institucionais das autorias permite a leitura da ecologia universitária que sustenta a produção do DBNM, compreendendo o Dicionário como cartografia situada da produção de conhecimento no campo, na qual as universidades emergem como nós territoriais que concentram, distribuem e tensionam epistemologias. Cada verbete foi vinculado às universidades declaradas por suas autorias, incorporando o território como dimensão constitutiva da produção de conhecimento. A Imagem 4 possibilita observar um mapa epistemológico situado, no qual universidades se apresentam como nós territoriais de especialização, convergência e dissidência.

Imagem 4: Vocação epistemológica das universidades participantes do DBNM por eixo temático



Fonte: autoria própria; elaborado com GPT 5 - Copilot M365.

Observa-se uma concentração de autorias em instituições públicas federais e estaduais, associadas a programas de pós-graduação consolidados, o que reforça a centralidade dessas universidades na formação crítica e na produção teórica do campo. Ao mesmo tempo, instituições privadas e comunitárias aparecem como polos de experimentação aplicada, especialmente em formatos audiovisuais, digitais e transmidiáticos, indicando uma divisão funcional do trabalho epistêmico entre crítica, formação e transferência para o mercado.

O mapa, contudo, revela nuances que complexificam essa aparente divisão funcional. Embora as universidades públicas concentrem os picos mais intensos em determinados eixos, outras distribuem sua produção entre diferentes frentes, sugerindo ecossistemas mais plurais. Do mesmo modo, as instituições privadas e comunitárias não se limitam à dimensão aplicada;

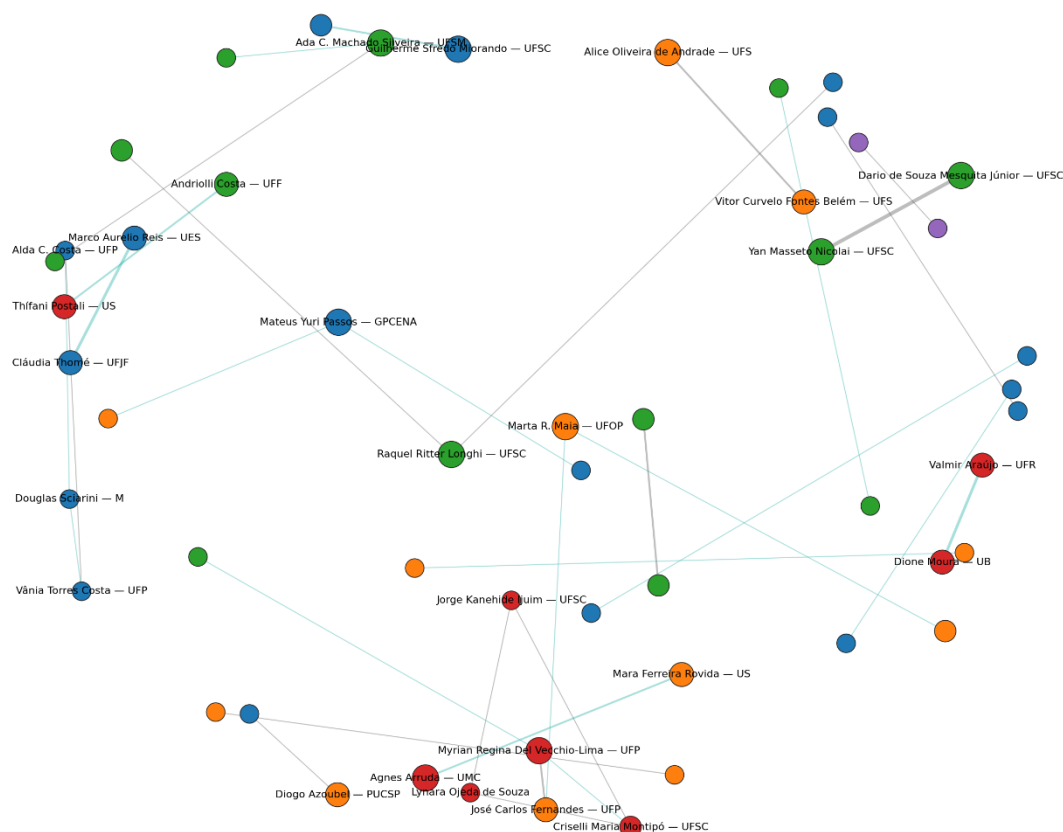
em certos casos, demonstram equilíbrio entre crítica e prática, tensionando a ideia de uma separação rígida entre produção teórica e experimentação mercadológica.

4.3 Autorreferencialidade, circulação interna e estabilização epistemológica

Além da rede de coautoria destacada anteriormente, a leitura inicial dos verbetes levantou a suspeita de que haveria ausência de citações cruzadas entre pesquisadores(as) da própria Renami, mas a conferência dos materiais revelou algo diferente: das 79 autorias, 26 aparecem nas referências bibliográficas em verbetes na própria obra; um percentual de 32,9% de ocorrências. A presença recorrente de determinados nomes nas referências aponta para a existência de um núcleo epistêmico ativo, a consolidação de determinadas vozes como estruturantes, a circulação interna de reconhecimento acadêmico e a formação de densidade teórica no interior da rede. Contudo, o fato de 67,1% dos autores não figurarem como referência interna formal indica que há abertura bibliográfica, diálogo externo e pluralidade teórica.

A Imagem 5 permite a visualização dos padrões de vizinhança com destaque relacional dentro do Mapa, com autorias de maior recorrência no Dicionário, tanto no número de verbetes, quanto no de citação. Essa configuração sugere um sistema policêntrico, no qual autores-âncora convivem com participantes em consolidação, permitindo simultaneamente estabilização epistemológica e abertura à renovação do campo.

Pessoas ↔ Pessoas com Instituições (rótulo: Autor — Afiliação abreviada)



Observam-se *clusters* relativamente coesos associados a determinadas universidades, indicando polos de capital simbólico e acadêmico. Ao mesmo tempo, há nós que estabelecem conexões interinstitucionais, operando como pontes entre agrupamentos regionais distintos,

ainda que essas interligações não configurem uma malha amplamente integrada. A presença de subgrupos relativamente periféricos e de atores com baixo grau de conexão evidencia áreas de rarefação relacional, que podem ser lidas tanto como fragmentação quanto como potencial de expansão, para a qual políticas editoriais, chamadas temáticas ou estratégias colaborativas poderiam fomentar maior integração entre clusters hoje parcialmente isolados.

5. Considerações interpretativas

Ao chegarmos a esta seção, o Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas já não se apresenta mais apenas como objeto editorial, mas como acontecimento epistemológico. O percurso descrito evidencia que ele opera como dispositivo que estabiliza provisoriamente sentidos, ao mesmo tempo em que expõe as tensões, lacunas e deslocamentos que atravessam o campo de estudos de narrativas midiáticas no país. Analisar o Dicionário, desse modo, pode ser tanto interpretar seus verbetes, quanto observar o modo como o campo se organiza, se reconhece e se diferencia ao produzir a si mesmo.

A relação da produção do DBNM com os estudos em Jornalismo era de se supor, por conta da origem da Renami – uma rede de pesquisa ligada à Associação de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Mas a obra acaba por expor de maneira ainda mais enfática essa filiação. Além dos seis verbetes que apresentam como título uma composição com o termo jornalismo, essa é certamente uma das palavras mais repetidas ao longo das páginas do Dicionário. Um exemplo é o verbete Videoteratura, assinado por Cláudia Tomé e Marco Aurélio Reis (2025), em que se menciona a palavra ‘jornalismo’ em seis momentos diferentes. Outras composições como telejornalismo, radiojornalismo e fotojornalismo ajudam a reforçar a filiação da obra a esse campo de estudos. Assim, nos parece possível afirmar que o Dicionário de Narrativas Midiáticas é um dispositivo do subsistema jornalístico didático-pedagógico que permite o diálogo com os estudos de narrativa de forma mais ampla, embora faça parte do campo dos estudos em jornalismo.

Ainda que essa filiação seja flagrante e possa ser considerada um ponto comum, compartilhado pela maioria das autorias que participam da obra coletiva, o Dicionário revela algumas contradições com relação ao diálogo (ou a falta dele) entre os pares. A análise da circulação interna de referências revela um sistema no qual múltiplas autorias funcionam como nós estruturantes e mediadores conceituais. Entretanto, essa vitalidade convive com zonas de menor densidade relacional.

Algumas lacunas temáticas tornam-se particularmente visíveis. O caso da “Narrativa de Viagem” (BRESSAN, 2025) é emblemático: embora o tema possua histórico consolidado em publicações coletivas anteriores da rede (PASSOS; SOSTER, 2019; 2022), sua presença referencial no Dicionário não mobiliza de modo consistente os pesquisadores e pesquisas desenvolvidas no próprio âmbito da Renami. Situação semelhante pode ser observada no verbete “Jornalismo Literário” (MARTINEZ, 2025), no qual produções reconhecidas da rede e seus respectivos autores não figuram nas referências.

Esses deslocamentos não precisam se configurar como ruptura nem deslegitimação do campo ou do sistema que articulamos ao longo deste trabalho, mas podem indicar zonas de acoplamento parcial dentro dele próprio. Em termos sistêmicos, trata-se menos de ausência e mais de baixa intensidade de circulação.

Essa aparente ausência de articulação, ou diálogo, entre os pares nos casos elencados como exemplificação sugere, quem sabe, 1) tanto o estado da arte dos estudos de narrativa no Brasil, ainda embrionário, apesar dos esforços precursores, como, também, 2) a necessidade de fortalecimento identitário do subsistema a partir de movimentos que redundem, ao fim, na produção de diferenças que geram novas diferenças. Dito de forma mais simples, sugerem, as ausências, que há, sim, uma produção a um tempo vigorosa e qualitativa de conhecimento especializado em torno do tema narrativas. No entanto, este conhecimento ainda parece estar muito refém de suas matrizes epistemológicas fundadoras. Não há problema algum, de nosso ponto de vista, no diálogo com o pensamento seminal quando o assunto é refletir sobre narrativas; no entanto, quando não se considera sua atualização, corre-se o risco de não se permitir a sempre necessária oxigenação do pensamento, antídoto eficaz contra a fragmentação do campo que o Dicionário não encerra o campo, mas tensiona.

Ao reduzir complexidades para viabilizar operações identitárias, também explicita ausências, disputas e zonas de indeterminação que permanecem em aberto. Nesse sentido, mais do que um ponto de chegada, com a publicação e o início da circulação digital e física do DBNM, o que se evidencia aqui é todo esse processo de anos de pesquisa em rede, manifestadas no objeto-livro do Dicionário, o gesto político-pedagógico que ativa circuitos de reconhecimento e diferenciação no subsistema jornalístico didático-pedagógico. De modo que, produz identidade, é porque produz diferenças; se estabiliza sentidos, é porque reconhece sua provisoriidade. Como narrativa dissonante, o Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas

se insere no fluxo sistêmico do Jornalismo não para fixá-lo, mas para torná-lo observável em sua complexidade.

Referências

- ARRUDA, Agnes; SOSTER, Demétrio de Azeredo; ROVIDA, Mara (Orgs). **Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas**. Aluminio/SP: Clea Editorial, 2025.
- BAHIA, Juarez. **Dicionário de jornalismo: século XX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind**. Chicago, EUA: University of Chicago Press, 2000.
- BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BERGSON, Henri. **A ideia de tempo**. São Paulo: Unesp, 2022.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A ciência da Lexografia**. Disponível em: <https://bit.ly/3ZBiFXg>. Acesso em: 17/11/2025.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. Â. et al. (org.). **Mediatização & midiatização**. Salvador; Brasília: Edufba; Compós, 2012. p. 31-52.
- BRESSAN, Olívia Scarpari. Narrativa de Viagem. ARRUDA, Agnes; SOSTER, Demétrio de Azeredo; ROVIDA, Mara (Orgs). **Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas**. Aluminio/SP: Clea Editorial, 2025, p. 209-210.
- CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. Narratologia [1]. ARRUDA, Agnes; SOSTER, Demétrio de Azeredo; ROVIDA, Mara (Orgs). **Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas**. Aluminio/SP: Clea Editorial, 2025, p. 259-260.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. v. 1. 182 p.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FEYERABEND, Paul. **Ciência, um monstro: lições trentinas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MAIA, Marta; PASSOS, Mateus Yuri. **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: epistemologias dissidentes**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020. Disponível em <https://bit.ly/4rVNYrT>. Acesso em 10 fev. 2026.
- MAIA, Marta; MARTINEZ, Monica. **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: perspectivas metodológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018. Disponível em <https://bit.ly/3OfCtgt>. Acesso em 10 fev. 2026.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **O que pesquisar quer dizer** – como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Editora Sulina, 2021.

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo literário. ARRUDA, Agnes; SOSTER, Demétrio de Azeredo; ROVIDA, Mara (Orgs). **Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas**. Alumínio/SP: Clea Editorial, 2025, p. 131-134.

MEDINA, Cremilda. A arte de tecer verbetes. ARRUDA, Agnes; SOSTER, Demétrio de Azeredo; ROVIDA, Mara (Orgs). **Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas**. Alumínio/SP: Clea Editorial, 2025, p. 9-11.

MOTTA, L. G. Análise crítica da narrativa. Brasília (DF): Editora UnB, 2013.

PASSOS, Mateus Yuri. Narratologia [2]. ARRUDA, Agnes; SOSTER, Demétrio de Azeredo; ROVIDA, Mara (Orgs). **Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas**. Alumínio/SP: Clea Editorial, 2025, p. 261-263.

PASSOS, Mateus Yuri. SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Narrativas de viagem 2: percursos que transformam** [recurso eletrônico] = Travel narratives 2: paths that transform / Organizadores: Demétrio de Azeredo Soster, Mateus Yuri Passos – Santa Cruz do Sul: Catarse, 2022. 288 p.

PASSOS, Mateus Yuri. SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Narrativas de viagem** [recurso eletrônico] = Travel narratives / Organizadores: Demétrio de Azeredo Soster, Mateus Yuri Passos – Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019. 556 p.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro; SILVA, Míriam Cristina Carlos. Narrativas Mediáticas. ARRUDA, Agnes; SOSTER, Demétrio de Azeredo; ROVIDA, Mara (Orgs). **Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas**. Alumínio/SP: Clea Editorial, 2025, p. 241-241.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Reflexões em torno do quarto narrador, das narrativas dissonantes e dos efeitos de contraste. In: AZOUBEL, Diogo; COSTA, Alda Cristina Costa; SILVA JR, Maurício Guilherme; SOSTER, Demétrio de Azeredo; ZART, Luiz Henrique. **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: Amazônia (s)**. São Luís/MA: Editora Vert, 2024.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/4rSCSDS>. Acesso em 10 fev. 2026

SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin. **Narrativas midiáticas contemporâneas: sujeitos, corpos e lugares**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3ObDq9B>. Acesso em 10 fev. 2026.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; ROVIDA, Mara. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas protagonistas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/4kCmVzv>. Acesso em 10 fev. 2026.

TOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurélio. Videoteratura. ARRUDA, Agnes; SOSTER, Demétrio de Azeredo; ROVIDA, Mara (Orgs). **Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas**. Alumínio/SP: Clea Editorial, 2025, p. 331-332.

VERÓN, Eliseo. **La semiose social 2: ideas, momentos, interpenetrantes**. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

VILLAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.